

Liberdade em O Show de Truman e Um Sonho de Liberdade

Gustavo Noronha Silva*

O Show de Truman é um filme intrigante porque mostra como ficção, como filme, algo que é bem real na vida em sociedade. A liberdade condicional e vigiada retratada no filme é, aparentemente, a liberdade que nós, membros das diversas sociedades ao redor do globo temos.

Assim como Truman ou Andy, do filme Um Sonho de Liberdade, nós também somos obrigados a estar em lugares que não queremos, usar nossas habilidades e tempo para fazer coisas que não queremos.

As idéias de Truman são habilmente construídas através de propagandas. Um ideário necessário para a manutenção do “Estado” é incutido na mente dele através dos meios de comunicação e das pessoas ao seu redor.

Um ponto comum entre os dois filmes é a referência à liberdade interna, aquele que ninguém é capaz de tocar. Truman expressa isso ao exclamar que nunca havia sido colocada uma câmera em sua cabeça, Andy embute esse sentimento na esperança, a esperança é a guarda da liberdade individual.

Truman exerce essa liberdade em vários momentos, quando se lembra de Sylvia, um amor espontâneo, e quando faz aquilo que ninguém espera que faça. A espontaneidade é, em um ambiente altamente controlado, a liberdade de Truman.

Em Um Sonho de Liberdade a espontaneidade é substituída, na prisão, por uma série de regras, controles e limitações que acabam se tornando parte da vida das pessoas dali. Quando o bibliotecário sai não consegue se adaptar à nova realidade e se suicida. Truman talvez não tivesse tal problema, pois ‘fora’ ele seria bem melhor tratado do que ‘dentro’ do mundo criado para ele, por ter se tornado uma celebridade, além de poder reencontrar Sylvia.

Andy também não sofreu tal mal, porque dentro da cadeia preservou sua cultura de homem “liberto”. A mulher que Truman esperava encontrar em Fiji, sua esperança, também existia na história de Andy, embora de forma diferente. A esperança, talvez tenha sido a grande catalizadora de capacidade de manutenção do espírito de liberdade.

Um ponto muito importante do filme de Truman é a parte final, em que Truman conversa com Christof, o criador do mundo em que ele vivia. A cena dá a impressão de uma conversa de um homem normal com Deus. Isso remete à já remoída discussão

* Acadêmico do 1º período de Ciências Sociais

religiosa do paradoxo entre a divina Providência e o livre-arbítrio. Christof, no início do filme faz questão de lembrar que Truman é real, sem scripts e roteiro. No entanto, em uma entrevista fala do novo caso amoroso programado para Truman. O que é mais importante, o que fica no final? A vontade do criador ou a capacidade de escolha e decisão do indivíduo, a sua liberdade? O que fica no final, o que eu quero ou o que a sociedade preparou para mim?

Quando a sociedade impõe idéias e comportamentos aos indivíduos está garantindo sua própria sobrevivência. Está impondo uma igualdade artificial, para que haja a coesão necessária na manutenção das instituições. Pode-se perceber isso nos filmes que assistimos, e também em Tocqueville. Apesar de, até mesmo nessa igualdade em que todos fazem parte de um todo haver diferenciação e tratamento especial, principalmente a pessoas que sabem se aproveitar do sistema, usando a liberdade interior.

Andy acabou por perceber que fazendo o jogo sujo do diretor poderia crescer e ganhar liberdade, mas mais do que isso ele se aproveitou dessa posição que lhe foi conferida pelo sistema para destruir partes dele, e escapar. Truman, quando teve certeza do que estava acontecendo não teve dúvidas. Sabia que a única liberdade que tinha estava em não haver como saber o que ele pensava e também na imprevisibilidade. Pareceu ter voltado ao “normal”, portanto, e driblou as câmeras para fazer o que ninguém imaginaria que fizesse: navegar, e assim achar a saída de sua prisão.